

**JOSÉ MARIA ALVES**

**HISTÓRIAS DE NASRUDIN  
VOLUME II**

**WWW.HOMEOESP.ORG**

“Quando falecer  
Como quer ser sepultado, Mullá?”  
“De cabeça para baixo.  
Neste mundo andamos sobre os pés,  
No próximo quero andar ao contrário.”

Nasrudin bateu no portão do castelo.  
O guarda abriu-o  
E o Mullá pediu:  
“Diga a vossa Senhoria  
Que peço dinheiro para os pobres.”  
O guarda entrou  
E volvidos alguns minutos  
Voltou dizendo:  
“Lastimo, o Senhor não está.”  
“Diga-lhe então”, disse Nasrudin,  
“Que lhe ofereço este conselho  
Ainda que nada me tenha dado:  
Quando seu amo sair  
Não deixe o rosto na janela,  
Não vá alguém roubá-lo.”

Um mendigo pediu esmola ao Mullá.  
Este questionou-o:  
“Gosta de estar no café e de fumar?”  
“Sim.”  
“Gosta de ir aos banhos turcos?  
De beber, comer bem e de se divertir?”  
“Gosto de tudo o que é agradável.”  
Nasrudin deu-lhe uma moeda de ouro.  
Uns passos à frente  
Estava um outro mendigo  
Que tendo ouvido o diálogo  
Pedi também esmola a Nasrudin.  
Este interpelou-o:  
“Gosta de estar no café e de fumar?”  
“Não.”  
“Gosta de ir aos banhos turcos?  
De beber, comer bem e de se divertir?”  
“Não.  
Vivo na simplicidade  
E a rezar.”  
O Mullá deu-lhe uma moeda de cobre.  
“Porquê?!” questionou o mendigo,  
“A mim, cumpridor da lei,  
Pequena esmola me dás  
Enquanto que ao devasso  
Com ouro o honraste.”  
“Atenta que as necessidades dele  
São bem superiores às tuas.”

Certo dia filosofava Nasrudin consigo mesmo, em voz alta:

- Vida e Morte... Quem sabe o que serão?

A mulher de Nasrudin encontrava-se num aposento contíguo e não conseguiu deixar de sorrir, exclamando:

- Homens, meu Deus, homens, todos parecidos, quase iguais, sem a menor réstia de espírito prático.

Qualquer um tem consciência de que quando os membros do corpo ficam frios e rijos, é sinal que o ser humano morreu.

Nasrudin ficou boquiaberto. Como era prática a sua esposa.

Os tempos passaram, e num dia de Inverno enquanto ia de um povoado para outro, tendo de percorrer algumas penosas milhas, num caminho atapetado de neve, sentiu as mãos e os pés ficarem completamente gelados e os membros a enrijecerem progressivamente.

Rememorando as sábias palavras da companheira, pensou:

“Estou morto. E estando morto não posso caminhar. Os mortos não caminham nem se mexem, ficam deitados e imóveis.”

De imediato, deitou-se imóvel em cima da neve, ficando cada vez mais gelado, mas sem que se mexesse, comportando-se como um morto.

Decorridas algumas horas, passaram no caminho dois viajantes que o encontraram estendido na neve.

Depois de o observarem, começaram a discutir de estaria vivo ou morto. Nasrudin quis dizer-lhes que estava morto, mas os mortos nunca falam. Assim, manteve-se calado e imóvel.

Os viajantes já plenamente convencidos do decesso de Nasrudin, levantaram-no e lá o foram carregando a muito custo para o cemitério mais próximo, até que encontraram uma encruzilhada sem que acordassem no caminho a seguir.

Um queria ir pelo da direita, enquanto que o outro pelo da esquerda, e assim se quedaram em acesa discussão.

Nasrudin exasperava e não se conteve:

- Ouçam meus bons amigos, a estrada pela qual me deveis conduzir ao cemitério é a da esquerda. É certo e sabido que os mortos não falam, por isso prometo-vos solenemente que só agora o faço e não o tornarei a repetir.

A mulher de Nasrudin jazia agonizante no seu leito. Este tentava consolá-la minimizando o seu sofrimento. As suas palavras eram dóceis e de esperança e os seus olhos brilhantes de lágrimas sorriam enganadoramente.

Nisto, a companheira disse-lhe numa voz débil:

- Estou convicta de que esta será a minha última noite contigo. A minha partida está eminente, já não verei a aurora.

Como é que vais aceitar a minha morte?

- Vou dar em maluco, mulher – respondeu Nasrudin.

Apesar do sofrimento atroz, a dedicada e fiel esposa não conseguiu deixar de esboçar um sorriso, dizendo:

- És um bom malandro. Não me enganas Nasrudin, conheço-te como às minhas mãos. Não passará um mês sobre a minha morte, que não estejas casado de novo.
- Que dizes mulher?! – exasperou-se o pobre Nasrudin –, enlouquecerei mas não tanto assim!

Uns jovens pediram ao Mullá  
Que os ensinasse.  
Este acordou e levou-os para sua casa.  
Montou o jumento  
De modo contrário,  
Virado para a cauda  
Com os estudantes atrás.  
Os passantes espantavam-se:  
“Corja de doidos.  
Um louco de costas montado  
Seguido por cortejo de idiotas.”  
Os jovens ficaram envergonhados  
E interpelaram Nasrudin:  
“Porque é que assim vais montado?  
Todos nos observam e criticam.”  
“Estais mais preocupados  
Com aquilo que os outros pensam  
Do que com o que fazeis.  
Vejamos em conjunto:  
Se montasse de modo normal  
Convosco à minha frente,  
De costas para mim,  
Seria desrespeitoso.  
Se sou eu que à frente vou  
De costas para vós  
Desrespeitoso será.  
Esta, é pois, a única forma.”

O Mullá na feira  
Queria vender uma vaca.  
Mas nada.  
Defeito do bicho ou da sua falta de jeito.  
Um amigo ofereceu-se para o ajudar:  
“Vaca excelente.  
Prenhe.  
Bezerro para nascer daqui a meses.”  
O animal foi logo vendido.  
Radiante, Nasrudin dirigiu-se a casa  
Onde se encontrava um jovem  
Que pretendia desposar sua filha.  
Logo experimentou seu novo dote de vendedor.  
Estranho,  
Como o jovem de imediato se ausentou.

Nasrudin disse:  
“Caso chova amanhã cortarei lenha.  
Caso bom tempo faça irei lavar.”  
A mulher repreendeu-o:  
“Diga se Deus quiser, Nasrudin.”  
“Porquê,  
Se uma ou outra coisa farei?!”  
O Mullá saiu com tempo bom  
E começou a lavar  
Quando logo copiosa chuvada caiu.  
Encaminhou-se para o bosque  
Com intenção de cortar lenha  
Quando um homem a cavalo  
Lhe perguntou onde ficava certo povoado.  
Dizendo que não sabia,  
Empunhou um chicote o cavaleiro  
Obrigando-o a indicar-lhe o caminho.  
Voltando a casa de noite  
Após longa jornada  
Bateu à porta e a mulher perguntou:  
“Quem é?”  
“Nasrudin, se Deus quiser”, respondeu.

Nasrudin era criança.  
Perguntou ao pai:  
“Porque é que o seu cabelo está a ficar branco?”  
“Por causa de filhos como você.  
De seus actos  
E perguntas, quer difíceis  
Quer extravagantes.”  
“Ah!, percebo.  
Por isso os cabelos do avô,  
São todos brancos.”

Nasrudin emprestou duas panelas.  
O amigo, homem de humor  
Deveu-lhas com uma outra panela  
Bem mais pequena.  
“Que se passa?  
Esta não é minha!”  
“Bem pelo contrário.  
Estando suas panelas à minha guarda  
Por motivo de empréstimo,  
Nasceu delas este rebento  
Que por direito é seu.”  
Decorridos meses,  
Pedi Nasrudin as panelas do amigo.  
Por não as devolver  
Veio este reclamá-las.  
Disse o Mullá:  
“Suas panelas faleceram.  
Se bem se lembra  
Já decidimos em tempos idos  
Que panelas são mortais.”

O Mullá recorreu a um homem rico e poderoso  
Pedindo dinheiro.

“Para que queres tu tal quantia?”

“Para comprar um elefante.”

“Se não tens dinheiro, como o sustentarás?”

Nasrudin indignado respondeu:

“Vim pedir dinheiro.

Dispenso o conselho

Que te não pedi.”

Um dos muitos analfabetos da aldeia  
Pedi a Nasrudin que lhe escrevesse uma carta.  
“Não o posso fazer, tenho um pé aleijado.”  
“Isso nada tem que te impeça de o fazer,  
Pois não, Mullá?”  
“Pois sim, idiota.  
Ninguém consegue ler a minha letra,  
Assim vejo-me obrigado a viajar  
Para me fazer entender.  
Como é que queres, então, que o faça  
Com o pé neste estado?”

Nasrudin apostou com um grupo de amigos  
Que suportaria uma noite inteira  
Na montanha gelada e coberta de neve  
Sobranceira à aldeia.  
Transportou consigo uma vela e um livro.  
Foi acometido por frio terrível.  
Ao raiar da aurora,  
Lívido e depauperado,  
Quis receber o valor da aposta.  
Perguntaram-lhe os apostadores:  
“Não tiveste nada para te aquecer?”  
“Não.”  
“Nem uma vela, Mullá?”  
“Tinha uma vela.”  
“Assim sendo, perdeste a aposta.”  
Nasrudin nada argumentou.  
Decorrido algum tempo  
Convidou-os para uma ceia  
A que todos compareceram.  
Aguardavam na sala  
A comida que nela tardava.  
Impacientes, começaram a reclamar.  
“Vejam os que se passa”, disse Nasrudin.  
Na cozinha, enorme panela cheia de água  
Com uma vela acesa debaixo dela.  
A água ainda estava fria.  
“Não entendo.  
Não está quente.  
Está aí desde ontem.”

Nasrudin aconselhava sempre:  
“Não dêem a ninguém  
A seu pedido,  
Nada de mão beijada.  
Aguardem pelo menos  
Que um dia seja passado.”  
“Porquê”, alguém perguntou.  
“Só damos valor às coisas  
Quando desconhecemos  
Se as iremos conseguir ou não.”

Nasrudin estava cansado do seu burro.  
Levou-o à feira da vila  
Para que o leiloeiro lho vendesse.  
Ficou para assistir.  
O pregoeiro começou:  
“Agora este belo jumento.  
Forte, musculoso,  
Habitado ao trabalho duro e à tormenta,  
De suprema inteligência e esperteza.  
Quem oferece cinco moedas  
Por tão espantoso animal?”  
“Cinco moedas?!”, pensou o Mullá,  
“Apenas cinco moedas,  
Vou licitar já.”  
E Nasrudin licitou.  
Entre Nasrudin e um quintaneiro  
Fez-se disputa  
E a cada lance o leiloeiro  
Exacerbava as virtudes do asno,  
O que entusiasmava o primeiro.  
Afinal desconhecia do que seu era  
Tanta qualidade e virtude.  
Com o tempo,  
Ofereceu quarenta moedas  
Arrematando o jumento  
Que apenas dez valia.  
Pagou a comissão de um terço ao leiloeiro,  
Pegou no burrico e dirigiu-se a casa  
Dizendo para os seus botões:  
“Se coisa há que não perco é um bom negócio.”

Nasrudin conduzia o burrico  
Por vereda de penhasco.  
Pata em falso  
E cai o jumento no desfiladeiro  
Em parte alguma ficando inteiro.  
Pensativo, disse o Mullá:  
“Aprender a voar, aprendeu,  
Mas a aterrar não.”

Um vizinho pediu um varal a Nasrudin.  
“Lamento, está em uso,  
Estou a secar farinha.”  
“Como?!”, replicou o vizinho,  
“Secar farinha num varal  
É empresa estranha, irregular,  
Diria, mesmo irreal.”  
“Não penso assim”, respondeu Nasrudin,  
“Nem estranho, nem dificultoso.  
Basta não o querer emprestar.”

Nasrudin remendava o seu telhado.  
Em baixo, na rua,  
Um faquir solicitou-o a descer.  
Nasrudin sem questionar desceu.  
O faquir pediu:  
Dê-me uma esmola por Alá.”  
“Podia ter subido para falar comigo”, disse o Mullá.  
“Tive vergonha...”  
“Ora, não seja assim.  
Suba comigo”, disse Nasrudin.  
Subiram ao cume.  
Nasrudin continuou o seu trabalho  
E disse:  
“Não tenho nada trocado para lhe dar.”

Havia um funeral.

Alguém perguntou ao Mullá:

“Devemos seguir à frente ou atrás da urna?”

“Tanto faz, desde que não se esteja lá dentro.”

Nasrudin tinha um relógio  
Que nunca estava certo;  
Ora adiantava  
Ora atrasava.  
Um amigo perguntou-lhe:  
“Mullá, nunca sabes as horas certas.  
Será que não podes fazer algo?”  
Nasrudin pensou uns segundos,  
Pegou num martelo  
E desferiu um golpe  
Fazendo-o parar.  
“Que asneira. Que fizeste tu?  
Assim não o compuseste  
Avariaste-o de vez.”  
“Não me parece.  
Antes nunca estava certo.  
Agora, pelo menos,  
Certo está, duas vezes ao dia.”

Houve festa em casa de Nasrudin.  
A mulher fizera um doce fabuloso.  
Restaram apenas duas pequenas fatias  
Que guardaram para o dia seguinte.  
À noite, não conseguindo dormir,  
Acordou a mulher:  
“Ergue-te.  
Temos algo de urgente para fazer.”  
“Por amor de Alá, Nasrudin.  
Caio de sono e cansaço.”  
“Vem”, volveu o Mullá,  
“Vamos comer o doce hoje.  
Melhor é que esteja no estômago  
Do que na cabeça,  
Não me deixando repousar.”

Um bêbado cambaleava.  
Passo cá e passo lá,  
Queda aqui e queda ali.  
Nasrudin auxiliou-o,  
Mas o homem segredou algo ao Mullá,  
Que de imediato se afastou.  
Um passante perguntou:  
“Desistiu?  
Porque o abandonou  
E não ajuda?”  
“Diz que não precisa.  
Tudo lhe gira e rodopia.  
Quando a sua casa por ele passar  
Para dentro dela irá pular.  
Como vê, poupa esforço,  
Não precisa de caminhar.”

Nasrudin e sua mulher voltaram a casa  
Encontrando a porta escancarada  
E a habitação violada e assaltada.  
“A culpa assiste-lhe”, disse a mulher,  
“Devia ter verificado a porta antes de sair.”

“E também as janelas.”  
“Não verificou as trancas.”  
“Não se preveniu quando saiu.”  
Disseram os vizinhos.

“A culpa é sua”, disse a mulher,  
Disseram todos.

“Esperem”, alegou Nasrudin,  
“Uma coisa assim...  
Serei por acaso o único culpado?  
Serei eu o vilão?”  
“E de quem queres que seja a culpa?”, perguntaram.  
“Que tal culpar os ladrões?”

Alguém pediu a Nasrudin  
Que lhe emprestasse uma corda.  
“Estou a utilizá-la”, disse o Mullá.  
“Como assim,  
Se a vejo no chão?”  
“É esse o seu uso.”  
“Por Alá, quanto tempo em tal uso, Nasrudin?”  
“Até ao dia,  
Em que me disponha a emprestá-la.”

Nasrudin encontrou um falcão,  
Ave que nunca houvera visto  
Repousando no seu quintal.  
Nisto,  
Cortou-lhe o bico,  
Aparou-lhe as garras  
E penas.  
“Agora sim, Nasrudin”, pensou,  
“Temos pássaro.”

Nasrudin tinha um cordeiro  
Gordo e chamativo.  
Amigos e vizinhos tudo faziam  
Tentando convencê-lo  
A comê-lo.  
Muitas foram as tentativas,  
Todas goradas,  
Para com o bicho se banquetear.  
Até que num serão  
Convenceram o Mullá  
De que o mundo  
Em vinte e quatro horas iria terminar.  
“Vamos então comê-lo.  
Não desperdicemos oportunidade  
Que não mais teremos”, disse.  
Servida a lauta ceia  
Adormeceram os convivas tais lorpas.  
Nasrudin pegou os casacos de todos eles  
E deitou-os a arder na lareira.  
Acordaram e bradaram  
Injuriando o Mullá.  
“Calma irmãos”, disse,  
“Já vos esquecestes que amanhã é o fim do mundo?!  
Para que necessitais de vossas roupas?”

O Mullá enviou um garoto à fonte.  
“Vá e não parta o pote.”  
Nisto deu-lhe uma varada  
Que o fez saltar  
E bramir de dor.  
“Mullá, isso não se faz.  
Não se bate em quem mal ainda não fez.”  
“Deixe de ser asno.  
De que serve castigá-lo  
Depois do mal feito?!  
Que adianto  
Sem água e sem vasilha?  
Eu sem bilha  
E tu com bordoadas  
É mal de dois,  
Assim que seja apenas de um.”

Um cientista e um filósofo lógico  
Discutiam com Nasrudin.  
“A experiência e os meus olhos  
São a premissa necessária  
Para que dê algo por existente.  
Para que afirme a realidade”, dizia o cientista.  
“A teoria é a minha premissa.  
Nada experimento  
Que antes não teorize”, disse o filósofo.  
O Mullá de joelhos  
Começou a verter iogurte no lago  
Mexendo-o com um galho.  
“Que faz?”, perguntaram.  
“Iogurte.”  
“Asneira, iogurte não é assim feito.”  
“Talvez não, talvez sim.  
Mas supondo que sim...”, respondeu Nasrudin.

Já quase amanhecia  
Quando dois bêbados discutiam a alta voz  
À porta de Nasrudin.  
Levantou-se o Mullá  
Enrolado num cobertor  
Disposto a acalmar a contenda.  
Poucas palavras dissera  
Quando um dos discutidores  
Puxou do cobertor  
Com que fugiu,  
Ele e o outro.  
Nasrudin subiu a casa  
E a mulher perguntou:  
“Qual o motivo da discussão?”  
“Acho que por causa do cobertor.  
Mal um mo furtou  
Tudo terminou.”

Tarde quente de Agosto.  
Na estrada fervente  
Nasrudin vê um homem  
Com um grande cacho de uvas.  
Um pouco de vassalagem seria útil  
Se tal fizesse com que algumas obtivesse.  
“Grande Sheik, dá-me algumas das tuas uvas?”  
“Não sou Sheik”, disse o dervixe,  
Homem simples e sem pretensões.  
O Mullá pensou estar  
Perante homem de maior importância  
E de grande valia.  
“Alteza, dáis-me um pouco das tuas uvas?  
Alguns bagos serão bastante.”  
“Não sou Alteza”, volveu já agastado.  
Nasrudin confundido, disse:  
“Bom, não me digas quem és  
Nem o que és.  
Não importa,  
Senão ainda vou descobrir que o que trazes  
Não é um cacho de uvas.  
Falemos de outras coisas.”

Nasrudin caminhava na estrada  
Que o conduzia à aldeia.  
O sol de Primavera acolhia-o.  
Decidiu tomar atalho pela floresta  
Para ver as flores  
E ouvir o canto dos pássaros.  
Nisto, pouco acautelado  
Caiu num buraco  
E aí se quedou em profunda reflexão.  
“Por Alá,  
Se num dia tão belo  
Em local tão maravilhoso  
Desgraça destas me acontece  
O que não me poderia acontecer  
Naquela estrada poeirenta e suja?”

Nasrudin conversava animadamente  
Enquanto o sol se escondia no horizonte.  
Escurecia progressivamente.  
Um amigo pediu:  
“Acenda a vela Nasrudin.  
Está a ficar noite cerrada.”  
“Qual vela?”, questionou o Mullá.  
“Essa, que está à sua esquerda.”  
“Ora, seu cretino,  
Como distingo na escuridão  
A esquerda da direita?”

Nasrudin viajava na Índia.  
Sentado à porta de uma gruta  
No isolamento da montanha  
Estava um homem  
Em profunda meditação.  
Nasrudin interpelou-o:  
“Penso que em algo somos parecidos.  
Sou um devoto, dedicado ao Criador.”  
“Eu sou um iogue.  
Dedico-me aos seres sensíveis.  
Tenho especial afeição por aves e peixes.”  
“Bem me parecia”, disse Nasrudin,  
“Um dia um peixe salvou-me a vida.  
Permiti que convosco fique uns dias.”  
“Certamente.  
Por serdes um devoto  
E pela vossa suma experiência  
Que muito me compraz.”  
O iogue foi ensinando o Mullá  
Na arte da meditação,  
Exercitando-o em métodos diversos,  
Até que um dia, depois de o doutrinar  
Lhe pediu para narrar o episódio do peixe.  
“Conhecendo agora vosso pensamento  
Não sei se vos satisfará a minha narrativa.”  
“Insisto”, volveu o iogue.  
“Bom, estava eu morrendo de fome  
Sem comer havia dias,  
Que um peixe do rio com as mãos pesquei  
E com ele por três dias me alimentei.”

Nasrudin transportava para o mercado  
Um asno carregado de sal.  
Ao atravessar um rio  
Dissolveu-se o sal  
E aliviado do peso  
Jubilava o sendeiro.  
Decorrido algum tempo  
Carregou-o de lã  
E voltou a atravessar o rio.  
A lã encharcada  
Derreava o animal  
Que cambaleante se arrastava.  
“Muito bem”, disse o Mullá,  
“Pensavas que saírias sempre vencendo?”

Houve uma caçada aos ursos.  
Nasrudin foi convidado  
E apesar de contrariado  
Compareceu.  
Quando voltou à aldeia, perguntaram-lhe:  
“Que tal a caçada, Mullá?”  
“Excelente, magnífica.”  
“Quantos matou?”  
“Eu? Nem um.”  
“Quantos perseguiu?”  
“Nem um.”  
“Quantos viu?”  
“Nenhum.”  
“Então como pode ter sido a caçada excelente?”  
“Quando caçamos ursos, nenhum é suficiente!”

Nasrudin viajou para um país  
Onde abundavam cretinos e idiotas.  
Aí pregava:  
“Tomai atenção:  
Detestai o pecado  
E todo o mal.  
Pedi a Deus perdão.”  
Meses a fio o ia repetindo  
Até que um santo dia  
Se espantou com a atitude de alguns  
Que permaneciam imóveis,  
De braços cruzados.  
“Que fazeis?”, perguntou.  
“Já decidimos o que faremos  
Com o pecado de que tanto falas.”  
“Renunciais ao pecado e à maldade,  
Decidistes afastar-vos do mal?”  
“Não, decidimos afastar-nos de ti.”

Num lago nadavam patos.  
Nasrudin olhou-os cobiçoso.  
Tentou apanhar um  
Mas nada conseguiu.  
Começou então a pôr na água  
Pequenos pedaços de pão  
Que comia com satisfação.  
Um passante perguntou:  
“Que faz, Mullá?”  
“Estou a comer sopa de pato.”

Falava-se de “halwa”  
O mais doce dos doces árabes.  
Nasrudin quedava mudo.  
Perguntaram-lhe:  
“E você Nasrudin, que nos diz?”  
“Eu nunca fiz *halwa* em casa.”  
“Como é possível Nasrudin?  
Não há ninguém que não tenha feito.”  
“Nunca tenho açúcar, farinha e manteiga  
A um mesmo tempo.”  
“Certamente alguma vez terá tido?”  
“Certamente,  
Mas dessa vez não estava em casa,  
Estaria fora.”

Alguns jovens  
Prepararam uma tramóia ao Mullá.  
Estando na sauna  
E chegando Nasrudin disseram:  
“Imaginemos que somos galinhas.  
Quem não puser um ovo  
Paga de todos a despesa.”  
O Mullá concordou.  
Os jovens começaram a cacarejar  
E um após outro  
Iam retirando do traseiro  
Um ovo atrás escondido.  
“Mostra-nos o teu, Nasrudin.”  
“Com tanta galinha  
Haverá certamente um galo.  
Não será assim?”

Nasrudin visitou a capital.  
Quando voltou os habitantes da aldeia  
Cercaram-no de perguntas.  
“Que viste tu?”  
“Que fizeste?”  
“O que é que foi mais importante para ti?”  
“Mais que ver foi o que ouvi  
Que deveras me marcou,  
Quando o próprio rei comigo falou.”  
Os ouvintes ficaram satisfeitos.  
Apenas um, o menos expedito,  
Ficou e perguntou:  
“O que te disse o rei?”  
“Cruzou-se comigo  
E em alta voz bradou:  
- Sai do meu caminho!”  
O aldeão deu-se por contente.  
Tinha ouvido pela boca de outrem  
Palavras de Sua Majestade.

O Mullá estava empoleirado numa árvore.  
Alguém lhe perguntou:  
“Que fazes por aí, Nasrudin?”  
“Estou procurando ovos.”  
“Como assim?!”  
Os ninhos são do ano passado.”  
“Suponhamos que és um pássaro  
Que quer fazer um ninho.  
Irias fazê-lo aos olhos de toda a gente?”

Um amigo fez constar a Nasrudin  
Que falar mal de dervixes  
Faria cair uma maldição sobre quem o fizesse.  
“Nada disso, asneira”, afirmou o Mullá.  
Do bolso tirou uma pequena caixa  
De onde tirou um sapo.  
“Vejam.  
Este é meu irmão.  
Criticou um dervixe,  
Mas tem saúde,  
Come pouco  
E pode viver mais de cem anos.  
Está bem melhor do que estava.”

Não se sabia onde estava o burrico de Nasrudin.  
Os campónios da aldeia procuravam-no.  
Nasrudin não parecia preocupado  
Mais parecendo os que o buscavam.  
Um dos que auxiliavam disse:  
“Não pareces constrangido  
Nem sofres com a eventual perda.  
É assim, ou engano-me?  
“Enganas-te amigo.  
Quando procurarmos nas montanhas  
Que vemos no horizonte  
E não o encontrarmos,  
Então, começarei a ficar apreensivo.”

Nasrudin afirmava na casa de chá  
Sua inata hospitalidade.  
Aproveitando-se, disseram os amigos:  
“Leva-nos a tua casa para jantar.”  
Nasrudin anuiu  
E partiu à frente para avisar a mulher  
Que não ficou entusiasmada:  
“Não tenho comida para tanta gente.  
Mande-os de volta.”  
“Não posso tal fazer.  
Minha honra está em jogo.”  
“Eu mesmo o farei,  
Direi que não estás.”  
Decorrido algum tempo, os convidados  
Impacientavam-se desesperados.  
“Abre a porta, Nasrudin,  
Deixa-nos entrar  
Pois queremos comer.”  
A mulher do Mullá disse-lhes:  
“Meu marido não está.  
Saiu a correr  
Não sei para que coisa fazer.”  
Os amigos disseram que tal impossível era.  
Tinham estado sempre à porta  
E ninguém viram sair.  
Continuaram então a insistir.  
O Mullá sem se conter  
Assomou à janela do andar cimeiro e disse:  
“Podia ou não eu ter saído pelos fundos?!”

Nasrudin estava cansado de alimentar o burro.  
Pedi à mulher que o fizesse  
O que ela negou.  
Depois de muita discussão  
Decidiram:  
O primeiro a falar  
Teria de alimentar o jumento.  
Nasrudin sentou-se no sofá  
E a mulher foi ao mercado.  
Entretanto, um larápio  
Entrou em casa  
Furtando tudo o que havia para furtar.  
O Mullá viu,  
Mas manteve-se quieto e mudo  
Para a promessa não quebrar.  
A mulher retornou a casa  
E perante tal aparato  
Começou a injuriar o marido  
Que impávido lhe disse:  
“Vai dar comida ao burro  
E vê no que deu a tua teimosia.”

Nasrudin caminhava à noite em estrada deserta.  
Um grupo de cavaleiros dirigia-se na sua direcção.  
A sua imaginação, movida pelo medo,  
Apontava perigos terríveis, sem fim.  
Começou a fugir,  
Saltou o muro de um cemitério  
E estendeu-se numa cova aberta.  
Os cavaleiros estranhando-o,  
Seguiram-no e interpelaram-no:  
“Que fazes criatura nessa cova?  
Podemos ajudar-te?”  
“Estou aqui por vossa causa  
E vós aqui por mim”,  
Respondeu tremendo Nasrudin.

Nasrudin teve uma zanga com a mulher.  
Esta, irritada  
Aqueceu-lhe a sopa em demasia  
Aguardando que o Mullá se queimasse  
No momento de a comer.  
Serviu-a,  
Mas esquecendo-se do feito  
Foi a primeira a queimar-se.  
Tal a dor que chorou.  
Vendo-a assim, disse Nasrudin:  
“Porque choras, mulher?”  
“Ah, minha pobre mãe antes de falecer  
Comeu uma sopa assim.  
Choro com saudade.”  
Nasrudin, elucidado e esfomeado,  
Lançou-se sobre a sopa  
E logo as lágrimas lhe correram pelo rosto.  
“Porque choras, Nasrudin?”  
“Choro porque tua pobre mãe morreu  
E logo te havia de deixar viva.”

O rei andava à caça  
Quando quis almoçar.  
Por perto, apenas a casa de chá  
Do afamado Nasrudin.  
Pedi uma omeleta.  
Logo que terminou disse:  
“Mullá, temos de voltar à caça.  
Traga a conta.”  
“Mil moedas de ouro, Majestade.”  
“Por Alá, Nasrudin,  
Há falta de ovos nesta região?”  
“Não Excelência, não será bem assim.  
O que falta é visita de rei.”

Nasrudin atarefado

Espalhava migalhas em torno da casa.

“O que é que estás a fazer?”, perguntou um vizinho.

“Fazendo os tigres fugir.”

“Mas aqui não há tigres!”

“Então funciona, não?”

Nasrudin visitou o rei  
Trajando fantástico turbante.  
Estava convencido de que lho poderia vender  
Arrecadando umas quantas moedas de ouro.  
Sua Majestade reparou nele e perguntou:  
“Quanto pagaste pelo turbante?”  
“Mil moedas meu rei.”  
O vizir segredou ao amo:  
“Só pode ser tolo.  
Ninguém pagaria tal maquia.”  
“Porquê? É a primeira vez que tal ouço.  
Nunca vi peça por tal quantia”, disse o rei.  
“Saiba Majestade, que o comprei  
Sabendo que em toda a vasta Terra  
Apenas um rei o compraria.”  
Encantado com tal elogio  
Ordenou a entrega de duas mil moedas a Nasrudin.  
Dias após, este disse ao vizir:  
“Conheces o valor dos bens,  
De mantos e turbantes,  
Mas sou eu que conheço a fraqueza dos reis.”

O rei enviou uma delegação pelo país  
Para que se encontrasse homem recto e modesto  
Com o fim de ser nomeado juiz.  
Encontraram Nasrudin, que soubera da embaixada  
Com uma rede de pesca enrolada nos ombros.  
Um dos da comitiva perguntou:  
“Porque usas essa rede?”  
“Para que nunca esqueça humilde origem.  
Meu avô foi pescador,  
Meu pai pescador foi  
E eu também o fui.”  
Foi de imediato nomeado magistrado  
E deslocado para a corte.  
Certo dia, um dos que o escolhera  
Encontrou-o sem rede.  
“Que fizeste da rede de pescador?  
Porque não a envergas?”  
“Preciso dela  
Eu que já apanhei o peixe?!”, disse o Mullá.

Nasrudin e um amigo procuraram a toca de lobo.  
Pretendiam um filhote.  
O Mullá, assomou à entrada  
E foi acometido por feroz animal.  
Iniciou-se luta infernal  
E no meio desta,  
Gritou o amigo:  
“Pare, Mullá.  
Deixe de correr e de saltar,  
Já estou meio coberto de terra.”  
Respondeu Nasrudin:  
“Não mo diga a mim.  
Se parar  
Ficará coberto por inteiro.”

Nasrudin tinha um búfalo  
Com dois largos e longos chifres.  
Uma das suas antigas fantasias  
Era sentar-se neles  
Como um rei no seu trono.  
Certo dia não resistiu.  
Mas, assim se sentou  
Assim foi lançado ao ar,  
Arremessado como leve pena.  
Enquanto inconsciente da queda  
Chorava sua mulher.  
Nasrudin, retomou a consciência e disse:  
“Não chore.  
Se tive algum sofrimento  
Também um desejo realizei.”

Um homem lamuriava-se  
Por lhe terem roubado elevada quantia.  
Nasrudin, disse:  
“Alá te acudirá.”  
“Será?”, questionou duvidoso.  
“Vem comigo à mesquita.”  
Nesta, o Mullá estendido e aos brados,  
Pedia a Deus que restituísse o dinheiro furtado.  
O alarido era de tal monta  
Que os fieis incomodados  
Decidiram angariar o montante desaparecido.  
Nasrudin filosofou:  
“Provavelmente não entendes os meios  
que movimentam e equilibram o mundo.  
Mas os fins compreendes,  
Quando tão directos assim.”

Nos dias de mercado, Nasrudin percorria-o  
Pedindo uma moeda.  
Sempre lhe ofereciam uma grande e outra pequena  
A escolher.  
Era a pequena que sempre escolhia.  
Tinha consciência de que se riam de si,  
Que passava por idiota.  
Alguém lhe disse, um dia:  
“Mullá, escolha a moeda maior.  
Ganhará duas vezes  
E deixarão de se rir de si.”  
“Talvez seja,  
Mas quando assim fizer esta gente  
Nunca mais me vai oferecer dinheiro  
Porque deixarei de ser mais tolo do que ela.”

Um discípulo não parava de fazer perguntas.  
Nasrudin ia respondendo como podia.  
O jovem homem insistia:  
“Mullá, quero progredir rapidamente no caminho  
Diga-me algo, um segredo  
Que me faça despertar.”  
“No momento certo”, respondeu Nasrudin.  
Passados meses, volveu:  
“Conte-me o segredo.”  
“Certo.  
Qual é a sua primeira obrigação?”  
“Seguir o seu exemplo, Mestre.”  
“Sabe então guardar um segredo?”  
“Sim Mestre.  
Não o transmitiria a ninguém.”  
“Então, veja como eu consigo guardar um segredo  
Tão bem quanto você é capaz de o fazer”, rematou.

“O que é o destino?”, perguntaram a Nasrudin.  
“Uma sucessão de factos  
Que se encadeiam e integram  
Uns influenciando os outros.”  
“A sua resposta é vaga  
E não me satisfaz.  
A explicação está na relação causa-efeito.”  
“Vejam, então”, disse o Mullá,  
“Olhe aquele homem.  
Está sendo levado para a forca.  
Por que será?  
Porque alguém lhe deu a moeda  
Com que adquiriu a arma do crime?  
Porque alguém viu?  
Ou porque ninguém o impediu de o cometer?”

Três religiosos, meio sábios, meio místicos,  
Conhecendo Nasrudin  
E ouvindo falar dos seus poderes,  
Quiseram testá-lo.  
Perguntou o primeiro:  
“Onde está o centro do mundo?”  
Nasrudin, indicando o jumento disse:  
“No ponto em que pisa a pata dianteira,  
A pata direita.”  
“Será? Como sabe? Pode prová-lo?”  
“Se não crê em mim, meça-o.”  
Perguntou o segundo:  
“Quantas estrelas existem no céu?”  
“Tantas quantos pelos tem o meu burro.”  
“Como o pode saber?”  
“Se não crê em mim, conte-os você.”  
O terceiro nada perguntou...

Nasrudin criticava as leis da cidade.  
Afrontavam a verdade, a autenticidade.  
O rei decidiu mudar a situação.  
A seguir ao portão de entrada  
Ordenou a construção de uma forca  
Com o seguinte édito:  
“Todos serão interrogados.  
Quem falar verdade entrará,  
Quem mentir morrerá.”  
Nasrudin, como sempre,  
Foi o primeiro a entrar.  
“Onde vai?”, perguntou o chefe da guarda.  
“Estou a caminho da forca”, disse o Mullá.  
“Não acredito.”  
“Muito bem, se estou a mentir enforcem-me.”  
“Mas se o enforcarmos por mentir  
O que disse será verdade.”  
“Então, descobriram a verdade,  
A vossa verdade.”

A mulher de Nasrudin insistia  
Para que este trabalhasse.  
“Não posso”, dizia,  
“Estou ao serviço do Senhor.”  
“Peça-lhe então um salário;  
Todo o trabalhador tem direito  
A ser justamente remunerado.”  
Nasrudin foi para o jardim  
E bradava aos céus:  
“Pagai-me Alá,  
Por todos estes anos de serviço.  
Cem moedas de ouro  
Não será muito nem pouco,  
Será compensação justa.”  
Um vizinho rico e chistoso,  
Ouvindo-o em tal prece  
Atirou com um saco de cem moedas  
Que caiu aos pés de Nasrudin.  
“Já recebi, já recebi, sou um santo de Deus”,  
Disse o Mullá.  
A partir daí  
Nasrudin fazia vida de rico  
E não tardou que o vizinho reclamasse o dinheiro.  
Obviamente, negou-lho,  
Tinha sido enviado por Alá.  
“Vou levá-lo a tribunal”, afirmou.  
“Não posso ir perante juiz.  
Não tenho roupas decentes  
Nem cavalo,  
Nem nada que respeitoso pareça.  
Decerto, julgará a seu favor.”  
O vizinho emprestou-lhe o manto  
E a montada  
E dirigiram-se ao juiz,  
Que ouviu o queixoso  
Para depois questionar Nasrudin:  
“Qual a sua defesa?”

“O meu vizinho é louco, Excelência.  
Julga de tudo ter posse e propriedade.  
Se lhe perguntardes, vos dirá  
Que meu cavalo e meu manto lhe pertencem.  
Mais fácil será dizê-lo do meu ouro.”  
“Mas...mas, Eminência, é tudo meu!”  
Gritou o queixoso exasperado.  
“Caso encerrado”, disse o Magistrado.

Nasrudin caminhava no deserto.  
Três árabes discutiam a construção dos minaretes.  
O primeiro dizia:  
“Caíram dos céus.”  
“Foram construídos num poço e depois içados”,  
Afirmou o segundo.  
E o terceiro:  
“Cresceram como os cactos.”  
Estavam já a chegar a vias de facto  
Quando pediram a douta opinião do Mullá:  
“Estão em erro absoluto.  
Foram construídos por gigantes antigos,  
Muito, mas muito mais altos do que nós.”

O navio estava prestes a afundar.  
O Mullá passara a viagem com advertências  
E todos se haviam rido nas sua cara.  
Agora, de joelhos, suplicavam pela salvação,  
Faziam promessas absurdas,  
De vultuosas quantias,  
De dificultosas acções.  
“Chega irmãos”, disse Nasrudin,  
“Não se envolvam em tais compromissos,  
como toda a vossa vida têm feito.  
Vejo terra segura.”

Um sábio devoto viajou para ouvir Nasrudin.  
A sua fama de místico atraiu-o.  
Nasrudin estava sentado ao lume  
Soprando nas mãos em forma de concha.  
“Que fazes?”  
“Aqueço as mãos com o meu hálito.”  
Passado algum tempo  
A mulher do Mullá  
Serviu dois pratos de sopa.  
Nasrudin soprava na sopa.  
“Aprenderei algo”, pensava a visita.  
“Que fazes agora?”  
“Arrefeço a sopa com o meu hálito.”  
Partiu de imediato.  
O homem afinal não era místico  
Nem mestre nenhum.

Nasrudin colheu abóboras na horta  
Para as oferecer ao rei.  
Um amigo, de brincadeira,  
Disse para levar antes figos,  
Sabendo que o rei nem ver os podia.  
Assim o fez o Mullá.  
Junto de sua Alteza  
Entregou-lhe o presente.  
Este vermelho de raiva,  
Um a um lhos atirou à cabeça.  
A cada arremesso  
Nasrudin levantava as mãos ao céu,  
Dizendo:  
“Abençoado Alá, obrigado.”  
O rei intrigado perguntou:  
“Que agradeces tu, tolo?”  
“Ó Senhor, agradeço ter trazido figos  
E não abóboras.”

Uns garotos começaram a lutar  
Por um saco de nozes  
Que haviam encontrado.  
Nasrudin foi chamado para decidir.  
“Que lei querem vocês  
Que use na repartição das nozes?  
A dos homens ou a de Deus?”  
“A de Deus”, disseram todos.  
Nasrudin ia dividindo:  
Uma a um, a outro três, a outro seis  
E nada para os restantes.  
Os que não receberam  
De imediato reclamaram:  
“Que lei é essa que usaste?  
Que injustiça é esta?”  
“Meus filhos, apliquei a lei de Deus:  
A uns pouco, a outros muito e a outros nada.  
Se escolhessem a lei dos homens  
Seria diferente.”

Nasrudin foi a Bagdá.  
Uma multidão imensa atropelava-se.  
Procurou uma pensão, deitou-se  
E confidenciou ao companheiro de quarto:  
“No meio de tanta gente  
Como me poderei encontrar  
Quando acordar?”  
“Ponha este balão na perna.  
Quando acordar o homem do balão será você”,  
Respondeu o brincalhão.  
Adorreceu e quando acordou  
Viu o balão na perna do vizinho.  
Acordou-o e disse:  
“Ei, esse aí sou eu!  
Mas se esse aí sou eu,  
Se você sou eu,  
Por Alá,  
Então quem sou eu?”

Um amigo de Nasrudin foi visitá-lo e levou de presente um pato, que foi logo cozinhado para a ceia e compartilhado com o doador.

Dias depois começaram a chegar pessoas que Nasrudin não conhecia, dizendo cada um ser amigo do amigo que oferecera o pato, e assim iam sendo alimentados e hospedados.

Nasrudin indignou-se com tanta hipocrisia e descaramento.

Nisto, apareceu em sua casa, mais um hóspede, dizendo ser amigo, de um amigo, do amigo que lhe trouxera o pato, aguardando que Nasrudin lhe servisse a ceia.

Este encheu uma malga de água quente e colocou-a à frente de tão abusadora visita.

- Desculpe, mas o que é que me está a servir – perguntou o forasteiro.

O Mullá respondeu:

- É a sopa da sopa, da sopa do pato que me foi oferecido há largos meses pelo meu amigo!

**WWW.HOMEOESP.ORG**